

O VALOR DIVINO DO HUMANO

JESÚS URTEAGA

O VALOR
DIVINO DO
HUMANO

Tradução
Antônio Machado

3ª edição



QUADRANTE

Título original
El valor divino de lo humano

Copyright © Ediciones Rialp, Madrid

Capa
Karine Santos

Revisão
Mateus Leme

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Urteaga, Jesús

O valor divino do humano / Jesús Urteaga – 3ª ed. – Quadrante, São Paulo, 2025.

ISBN: 978-85-7465-243-6

1. Conduta de vida 2. Vida cristã 3. Virtudes I. Título

CDD-241.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Conduta de vida 2. Vida cristã 3. Virtudes

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA

Rua Bernardo da Veiga, 47 | Tel.: 11 3873-2270

01252-020 – São Paulo – SP

www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

Sumário

INTRODUÇÃO	7
A fuga de Deus	7
Falaremos desse Deus e dessa terra	9
Para os inquietos e para os rebeldes	13
SANTOS, PAGÃOS, BEATOS E COVARDES	15
Com olhar de troça	15
«Vidas de santos»	18
Beatice	20
Calúnia	24
Santidade	32
Ruptura entre a religião e a vida	34
Gritai-lhes que nós, os cristãos, não somos assim!	37
HOMENS!	41
Personalidades	41
Rijeza e virilidade	46
Ambição de verdade	53
O homem e o cristão	58
Homens de Deus	69
ÀS CHICOTADAS	77
Intransigência	77
Não nos deixaremos matar	78
Livro I dos Macabeus	80
Um Gigante entre pigmeus	86
TU PODES SER UM DESSES HOMENS	91
Estes tempos!	91
Um ideal: Cristo	94
Horizontes para a tua ambição	96
Desalento na carne	99
Desalento na alma	104
Deserção?	107
Sinceridade e firmeza	111

MAR ADENTRO!	117
Generosidade	117
Mais generosidade	124
Loucuras!	128
Mais loucuras... para os audazes!	133
Aventuras divinas	137
A aventura do trabalho	143
A aventura da dor	150
A aventura da morte	154
Alegria	157
Alegrias de Deus	165
NO MUNDO	169
«Não peço que os tires do mundo»	170
A doença atual	173
Discrição	177
Medo?	182
Omissões?	189
O amor dos cristãos	194
Correção Fraterna	197
Contaram-me os homens	199
Unidade	201
Apressam-nos as almas!	204
PARA UMA IDADE DE FOGO	211
Ondas gigantescas que levantam rubra espuma de fogo	211
Preces veementes ao céu	213
Com a força do vento	214
Vim trazer fogo à terra	215
Cristãos, avance! As águas passarão!	218

Introdução

*Duo enim mala fecit populus meus:
Me dereliquerunt janтем aquae vivae,
Et foderunt sibi cisternas, cisternas dissipatas
Quia continere non valent aquas.*

Dois pecados cometeu o meu povo:
Abandonou-me a Mim, fonte de água viva,
E cavou para si cisternas, cisternas rotas
Que não servem para reter as águas.

(Jer 2, 13)

A fuga de Deus

Abre os olhos e verás a Deus chorando.

Abre os olhos e contempla a confusão do nosso tempo. Conheceu outra maior a história da humanidade? Eles e elas, jovens e velhos, ricos e pobres... todos fugiram do seu Deus. Arremessaram para longe de si o jugo suave do Onipotente. Ergueram-se as nações contra o Senhor e contra seu Cristo. E pensávamos com o Profeta: talvez seja apenas a gente baixa e ignorante, que desconhece os caminhos e preceitos de Iahweh. Dirigir-nos-emos aos grandes, aos poderosos, e falar-lhes-emos de Deus...; estes

conhecerão os seus preceitos: «Mas foram estes, todos juntos, os que com mais fúria quebraram o jugo e romperam as algemas» (Jer 5, 5).

Na sua debandada, na fuga, tropeçaram com a Cruz que se levantava no caminho; sacudiram o pó e continuaram a correr, deixando-a para trás, no esquecimento. Era um exército de homens resolutos que odiavam a Deus. E, na sua corrida vertiginosa, arrastaram consigo os indiferentes.

Para onde vão essas gentes? Afastaram-se de Deus e procuram, com ânsias de infinito, algo que lhes apague a sede. Hoje são homens que, da cruz da sua vida insupportável, exclamam *sitio* – tenho sede –, sem saberem para onde dirigir o seu olhar; a terra repugna-lhes, e o céu... está tão longe!

Para onde vão essas gentes? Vão em busca de deuses novos e de novas religiões. E uns na raça, outros no sangue... procuram o que nem a raça nem o sangue lhes podem dar. Pretenderam suprir a Divindade do nosso Pai-Deus adorando os seus vestígios na lama suja dos caminhos.

Que angustioso e que novo nos parece o grito velho do Espírito de Deus! «Dois pecados cometeu o meu povo; afastou-se de Mim, fonte de água viva, e foi cavar cisternas rotas, que não servem para reter as águas!» (Jer 2, 13).

Esses cavadores de cisternas – conhecem melhor o ódio do que o amor – são os que regem os destinos das nações. Das suas mãos, calosas e deformadas de tanto contar e recontar dinheiro, depende a formação dos novos homens.

São esses os que falam de paz para os torturados, os que pretendem consolar os mutilados e enfermos da guer-

ra; os cabecilhas da ordem nova que há de trazer o bem-estar aos leprosos. São esses os portadores da fraternidade – uma caridade que não conhece Cristo nem a sua Igreja –, que unirá os grandes e os pequenos, os meninos e suas mães, os chefes e os servos, os guerreiros e os profetas. São esses cavadores de cisternas os que, na sua fuga de Deus, nos falam de sacramentos novos que darão vida aos corpos mortos.

Falaremos desse Deus e dessa terra

Não falaremos das causas desta apostasia. Encontráramos muitas. Deixa tu esse problema para que o estudem os homens graves e prudentes num laboratório. Quero falar-te da empresa sobrenatural e humana – gigantesca! – que nós, os cristãos da segunda metade do século XX, temos de realizar. O mundo pede-nos pressa, porque ameaça ruína! Quero que abras os olhos para poderes apreciar essa vida incolor e enfastiada que levas. A que levam os que fugiram interessa-me, certamente; mas mais, muito mais, interessa-me a tua. Interessa-me a tua vida, que – não o esqueças – é a culpada, entre outras, da hecatombe de que sofre o mundo. E a incógnita resolve-se com a tua Vida. Escrevo-a com maiúscula para que te resolvas a prolongar até Deus os braços do V.

São angustiosos os problemas do nosso século, e é imperdoável que te limites a deixar passar o tempo, para que sejam outros os que procurem soluções para este mundo corrompido.

Como é possível que te não interesse a vida de teus irmãos?

É que... «a tua vida não conta neste mundo»?

É que... «não podes fazer nada»?

Que pecado terrível cometemos nós, os filhos de Deus, para nos sentirmos sem forças diante dos filhos do demônio?

Porventura não há no cristianismo homens jovens que detenham e superem a maldita ação dos «homens velhos»?

Esqueceste-te de Deus? Esqueceste-te de que hoje estás a conviver com santos?

Trazes dentro de ti o germe de uma vida humana maravilhosa, em que assentará essa Sobrenatureza – que é a Graça –, a qual fará de ti, não um homem mais, mas um filho de Deus, com toda a força dos nossos Profetas.

Quem disse que prescindir das virtudes humanas é humildade? Hoje, mais do que nunca, nós, os cristãos, precisamos ser muito homens.

O mundo necessita hoje de cristãos fortes, de homens leais, trabalhadores; de gente que saiba harmonizar a sua vida de oração com o trabalho diário; que saiba conjugar essa intimidade com Deus e a convivência com seus pais, com seus filhos, com seus irmãos, com seus amigos e mesmo com seus inimigos.

Poderemos apresentar-nos ao mundo como uns pobres homens que vivem a sua Religião de uma forma antipática, rotineira, acanhada e ridícula?

Desde quando, por viver as virtudes sobrenaturais, deixou o Cristianismo de ser Vida? É Vida Sobrenatural e Vida Humana. Os melhores chegam a entender aquela,

mas o valor próprio desta permanece, para muitos, tão na obscuridade, tão esquecido... E a natureza humana será sempre o fundamento, o alicerce e a raiz de uma séria, rija e profunda Vida Interior.

Neste livro falaremos um pouco de formação humana. De como os Santos são homens que vivem a verdade, a virilidade, a juventude..., sem prescindirem da sua personalidade. Falaremos desse trabalho difícil e monótono de todos os dias, no meio do mundo. Falaremos da audácia dos enamorados, de loucuras divinas, da generosidade, da dor, da morte e da alegria. Falaremos da grande aventura que representa a vida para um cristão.

Muitos livros nos falam do Deus que desceu à terra. Queria falar-te desse Deus... e dessa terra, do homem, da sua luta pela vida, de como, na ocupação e no descanso, entre livros ou ferramentas, na rua e no campo, podemos viver com o nosso Deus.

Veremos o cristão como um homem mais entre os outros. Falaremos dos santos que vivem a vida de hoje tal como o pretende a Igreja, a boa Mãe de todos os homens. Deixaremos que se cubram de pó as velhas preocupações e estudaremos – tu e eu juntos – alguns dos problemas da Cristandade do século XX.

Quero falar-te, numa palavra, das virtudes humanas. E para o fazer, não tive de inventar nada. Enamorei-me dessas virtudes – sustentáculo das sobrenaturais – quando as vi feitas carne na vida de alguns homens que me arrastaram para Deus.

Não pretendo de modo algum dar-te um conceito

novo da santidade. Só quero ajudar-te a reparar na importância capital do «fator homem» no santo, no cristão. Por isso falaremos principalmente, não do que este há de fazer para alcançar a santidade, mas daquilo que o homem tem de humano e deve santificar.

Sem prescindirmos de Deus, a quem temos presente em todas estas páginas, porque tudo banha, sem esquecermos a Graça, que tudo inunda, não nos prendamos agora com a consideração direta das virtudes sobrenaturais que o cristão tem de se esforçar por conseguir, e estudemos em primeiro lugar o homem de carne e osso, nascido de mulher, o indivíduo em si. Contemplemos o homem que quer fazer-se santo, embora para ele a meta não seja a santidade em si mesma, mas sim o próprio Deus.

De tudo isto há muito que dizer, e pode ser dito escalonando os temas parciais das mais diversas maneiras. O que interessa é escolher um processo que seja cristãmente legítimo, que seja espiritual e intelectualmente correto e, além disso, que seja eficaz, que mova, que arraste e inflame. Isto, sobretudo, é o que mais desejo.

Dessa idade de fogo que se avizinha a passos de gigante – idade que não é de triunfo mas de luta –, deixar-te-ei escrita alguma coisa nestas páginas. Estão redigidas sem estilo, sem forma, sem unidade externa, aos empurrões. Mas foram escritas – acredita-me – aos gritos, com o coração.

Lê-as depressa, como me saíram. Não posso falar-te devagar, com calma. Não há tempo. Há tantas coisas por fazer...!

Para os inquietos e para os rebeldes

Poderá continuar a progredir em tua mente a ideia de que a vida há de ser para nós, cristãos, uma paixão inútil?

A vida é um jogo maravilhoso em que sempre ganham os Enamorados, os Ansiosos, os Ambiciosos. Nada há de inútil na vida. As contrariedades, os obstáculos, as dificuldades, esses acontecimentos que, pelo sentir geral dos homens, trariam consigo um sinal (–) na luta pela vida, podemos convertê-los em sinais (+) , traçando fortemente a vertical do nosso desejo.

És tu dos que seguem o ritmo dolente e monótono da maioria dos homens, esse passo, sempre lento, dos tíbios, dos aburguesados, dos que não estão acostumados a fitar as alturas?

Então, perdoa-me que te advirta com rude lealdade, não leias este livro. Desiludir-te-ás. Nada encontrarás nele que satisfaça a tua vida horizontal. Estas páginas não são para ti. Foram escritas na presença de Deus...

Para os inquietos e para os rebeldes, que não se conformam nem com a sua vida nem com a dos outros.

Para os violentos, que são os que arrebatarão a glória.

Para os que sabem que se ganha a Vida ao entregar a vida.

Para todos os homens com ideais sem limite.

«Estas crises mundiais são crises de santos»¹. Têm uma solução. Têm de tê-la. Solução que encontraremos no Cristianismo e no seu Evangelho. Não sejas pessimista. Entre os escombros da humanidade enferma, há homens

(1) Josemaria Escrivá, *Caminho*, Quadrante, São Paulo, 11ª ed., 2016, n. 301.

que possuem o segredo da resolução desta crise. Não me digas que são poucos. São suficientes para formar um povo novo e grandioso; corações cheios de Deus, homens com coragem, extremamente apaixonados por Cristo, loucos, cheios de fé, cheios de esperança, cheios de amor. Que grande segredo nos trazem! Espera um pouco, um quase nada mais. E verás surgir aqui e além esses Santos de hoje, colocando Cristo no cume de todas as nobres atividades humanas, todas, todas!

Que trabalho fica vedado a um cristão? Que ocupação digna pode ser proibida a um católico?

Mas, se quisermos colocar Cristo no cume de tudo quanto seja humano, precisamos entender, em primeiro lugar, o que é este «humano» que temos de santificar. Quem não tiver a valentia de viver como homem, nunca poderá ser Santo. Os santos não nos trazem a senha dada para realizarmos uma obra mais ou menos boa. São portadores de uma mensagem divina. E Deus quer tudo isso, tudo.

Não esqueças que esse Deus escondido continua a ser o Deus Louco que um dia se fez Menino para brincar com os homens, que noutro dia se fez Hóstia para ser alimento dos leprosos.

Hoje, uma vez mais, cometeu o Senhor novas loucuras. No decorrer destas páginas, hei de contar-te alguma coisa delas. Se algum dia nos encontrarmos pelo mundo, pergunta-me por essas novas loucuras de Deus. Hei de contar-te inteiras, e te enamorarás. Podem incitar-te a encontrar o grande caminho para a tua rebeldia, para as tuas inquietações, para o teu descontentamento, para a tua santa insatisfação de Filho de Deus.

Santos, pagãos, beatos e covardes

O Santo deste mundo é a realização plena da nossa verdadeira natureza¹.

Com olhar de troça

Esses homens que há séculos fugiram de Deus foram cair na áspera frialdade do paganismo. Hoje quase não há hereges. Os que se afastam do verdadeiro Deus acabam por ser escravos da mais áspera aridez da alma. São pagãos. De todos os horizontes, voltam hoje seus olhos sem luz em busca da felicidade que sempre ambicionaram. Às apalpadelas, andam à procura de Caminho, Verdade e Vida. Gritamos-lhes, de mil diferentes maneiras, que olhassem para o nosso Cristo. Olharam-no e nada viram. Gritamos-lhes de novo que Cristo vive, que é o mesmo que foi e será sempre, e a sua indiferença apagou a força dos nossos argumentos.

Compreendi a frialdade dessas almas quando senti no meu íntimo aquele desafio que refletiam os olhos dos pa-

(1) Arnold Rademacher, *Religião e vida: os problemas do humanismo cristão*, Aster, Lisboa, 1956.

gãos: «Demonstrai-nos com as vossas vidas que Cristo vive!»

O nosso coração se despedaça quando, na atualidade, procurando vidas humanas entre os nossos cristãos, vidas que possam apresentar-se a esses homens sem fé para que lhes sirvam de guia e de exemplo, não as encontramos. É para chorar o espetáculo medíocre e ruinoso que oferecemos ao mundo depois de vinte séculos de atividade.

A terra está cheia de cristãos e, no entanto, o poder está nas mãos dos mortos. De Sacrários está o mundo cheio, e não sobejam vidas, não há vidas..., vidas que arrastem, que fortaleçam os pobres desejos das gentes, que iluminem as inteligências entumecidas dos tuberculosos do espírito, que vivifiquem os corações egoístas dos calculadores materialistas, vidas cheias de fogo; faltam-nos vidas..., vidas...

Penalizados com a vulgaridade do nosso mundo cristão, envergonhados de buscar e não encontrar archotes que iluminassem as cavernas do seu paganismo, abatidos pela mentira do nosso esforço atual, procuramos no passado o que não encontrávamos no presente.

E apresentamos-lhes, cheias de cor, as vidas dos nossos santos.

«O que é ser santo?», perguntaram-nos com um olhar de troça.

O santo é, para essas almas deformadas, um fantasma que ficou petrificado – em posição quase sempre incômoda – num nicho, rodeado de velhotas de pele encarquilhada.

«Os santos?», continuam os pagãos. Uns pobres des-

graçados que se propuseram energicamente levar a cabo o lema *ora et labora* e ficaram a meio do caminho, com suas orações, súplicas e rosários, esquecendo o trabalho corrente de todos os homens.

«Os santos?» Pobres doentes que, tendo sido desprezados pela vida, agarraram-se como tábua de salvação a refletir sobre a morte. Tinham perdido a saúde e exercitaram as suas virtudes menosprezando os fortes. Encapuzados que nunca viram a luz do sol, espectros que passaram pelas montanhas dos séculos assustando os homens pacíficos (assim falam os pagãos).

«Os santos?» E voltam a fitar-nos com olhar de troça.

E, na verdade, sobre as montanhas desfila a caravana dos nossos santos.

Mas não são fantasmas. São homens que conheceram o tempo de todas as idades. Alguns vão ao passo lento da velhice, outros há que vão saltando exuberantes de juventude. Encapuzados ou de cabeça descoberta, uns trajados à antiga, outros com vestuário moderno. A cavalo, de sandálias rotas, guerreiros de todos os tempos. Capas reais e grilhões de escravos. Todos através das montanhas. Uma bela caravana. Não a vês?

Mas..., pelos nossos santos, os pagãos alimentam desprezo e ódio.

Para muitos pagãos modernos, são um motivo mais de poesia e de recordação. Admiram o seu entusiasmo, a sua sensibilidade, o seu amor à natureza, e olham com respeito o seu Deus.

Mas... o santo, o que é o santo para os nossos fiéis?

Para os homens filiados na doutrina de Cristo pelo batismo, o que é o santo? E de novo nos envergonhamos com o que vemos e ouvimos.

A essa gente, o santo inspira compaixão: uns homens que viveram de joelhos em épocas passadas. Os santos foram homens que pela sua penitência chegaram a ser o que são: validos de Deus. Este conceito de validos foi o que ficou entre os homens.

E recorrerão ao santo para lhe pedir favores, beijarão os seus pés de massa, admirarão a sua cara relambida e pouco artística, deitar-lhe-ão moedas como prova do seu amor. Pedem-lhe noivo, pedem-lhe noiva, reclamam-lhe coisas perdidas, e há dias marcados em que é menos difícil consegui-lo.

Isso é o santo; assim veem os nossos santos! A isso ficaram reduzidos os exemplos que para a nossa vida assinalou a Santa Igreja de Cristo: ídolos sobre bases de gesso, com manchas pintadas para que pareçam de mármore!

Não é o conceito de todos, mas é o de muitos. E poderemos, depois, queixar-nos do que pensam os pagãos quando veem a comunidade dos cristãos seguir essas falsas rotas?

Os nossos santos confundidos com fetiches de artifício!...

«Vidas de santos»

E continuam a perguntar-nos: «O que é ser santo?» E abrimos com medo esses livros que têm por título: «Vidas de Santos». Livros encadernados com capas pretas, muito

pretas, sempre de luto! Com grandes caracteres de imprensa, para que sejam lidos com facilidade pelos que têm a vista cansada. E encontramos-nos com homens pouco enérgicos e falhos de alegria, que já aos cinco anos demonstravam uma terrível aversão pelo século «mundano e pervertido».

Por vezes, apresentam-nos, nestes exemplos de vida sobrenatural, umas crianças, que não sabem fazer travesuras, que não sabem rir, que não sabem chorar.

Todos, em pequenos, pedimos ao Menino-Jesus uma bola, um avião, um tambor. As nossas irmãs, bonecas de mil cores, botões e cozinhas de verdade. Mas os santos – assim no-lo contaram em tempos – estavam muito acima dessas brincadeiras triviais e sem sentido.

E se esses livros apresentam-nos um rapaz de dezoito, vinte ou vinte e três anos, querem exaltar a sua modéstia e retratam a sua timidez; e, se falam de pureza, entendemos covardia.

Muitas vezes ainda, confunde-se a santidade com os portentos, e quando nos falam de santos que não foram taumaturgos, chamam a nossa atenção para a sua oração contemplativa, registrando-se com mágoa que ela não transparecia exteriormente.

Por que têm medo de nos dizer que exteriormente tinham todas as características dos homens vulgares? Como se a santidade os obrigasse a trazer na frente um selo que os distinguisse dos outros mortais; como se a santidade fosse uma profissão mais entre as atividades humanas!

Falamos apenas do que lemos. Mais vale não falar do que vemos em muitas estatuetas de cartão prensado. Que caras, que gestos, que amaneiramento!

Talvez seja este o terceiro conceito que se tem dos santos, o conceito desses piedosos autores: não nos deixam ver mais do que um excesso de graça divina sobre uma natureza débil e enfermiça. Tentei já começar a escrever um livro que tivesse como título «Os defeitos dos santos», mas... torna-se tão difícil achar as fragilidades humanas dos biografados nesses livros! Como as escondem! Têm verdadeiro temor de nos dizer que foram homens. E seria para nós tão alentador contemplar os defeitos naturais dos santos e o que fizeram para os vencer! É por isso que há muitos a quem as «Vidas dos Santos» aborrecem, cansam, decepcionam. Procuravam um modelo imitável, um gesto humano, um amigo que os animasse na luta, e os homens de caráter queriam encontrar uma personalidade. Mas, se a viram, foi, na melhor das hipóteses, uma personalidade desfigurada ou aniquilada.

Beatice

«Na medida em que se esbate o sentido da transcendência divina, o Cristianismo se avilta. E também nessa medida, perde a sua influência transformante»².

(2) Jacques Leclercq, *Diálogo do homem e de Deus*, Aster, Lisboa, 1957, pág. 41

Essas vidas de santos secundaram o ambiente propício ao desenvolvimento de um ser monstruoso, mistura de santo – na aparência – e covarde. Planta ambígua – chama-lhe Bruckberger³ –, que continua a crescer à sombra dos nossos templos: o beato.

E se os que fugiram de Deus, ao pretenderem voltar ao seu lar, procuram a verdade na vida dos que se dizem filhos dEle, não podemos negar que lhes há de parecer desagradável.

O beato quer ser santo, «mas enquanto o santo tem desejos de Deus – diz Bruckberger –, o beato cifra as suas ânsias na própria santidade». O beato é curto de vistas. Verá o mundo, com seus homens maus e perversos, e encolher-se-á na sua carapaça egoísta. Queixar-se-á do mau trato dos mundanos para com os sacerdotes de Deus; mas nunca lhe passará pela cabeça nem a defesa enérgica nem o ataque juvenil aos inimigos da Igreja. Vive a mais néscia covardia com roupagens de prudência. Em momentos de brio, poderá pedir ao céu fogo que destrua a malícia dos homens, mas não terá a ambição santa de os salvar a todos. Sua conduta poderá servir para que as mães os apresentem como exemplo a seus filhos nos tempos pacíficos; mas receberão o desprezo de todos nos tempos de guerra. Não, não servem para a luta. «Flores de estufa» que conhecem as luzes baças dos templos, mas ignoram a vida que dá a luz do sol. Não podem falar de espadas, nem de morte, nem de audácia, nem de fortaleza. Uma virtude humana, entre muitas, ignoram: a valentia.

(3) R.L. Bruckberger, *La valeur humaine du saint*, La Baconnière, Neuchâtel, 1947, pág. 30.

O beato desconhece a ambição e a visão de conjunto. É míope nas coisas do espírito.

O beato preocupa-se extraordinariamente com as formas, que erradamente julga que santificam. O beato será sempre pouco original. Um plágio de pintor principiante, desconhecedor das técnicas e da criação. Tratará de pintar isoladamente pinceladas da vida do santo de sua devoção, sem penetrar no móbil da sua força vivificante.

Beatos são, por isso, os que se contentam em viver as formas de uma vida interior que desconhecem.

Beatice é a falta de pudor levada às relações íntimas da alma com Deus. Se os homens, quando falam com os seus semelhantes, se mantêm corretamente erguidos, por que razão, quando falam com Deus, hão de torcer a cabeça?

Beato é aquele que passa as horas na igreja quando a sua obrigação é trabalhar naquele momento ou estar com a família. «Se alguma viúva tem filhos e netos – diz-nos São Paulo –, cuide primeiro de governar bem a sua casa e de retribuir o que deve a seus pais; pois é isto o que agrada a Deus» (1 Tim 5, 4).

Beato é aquele que se benze duas vezes por escrúpulo.

Beato é aquele que pertence a oito confrarias e não descansa enquanto não entra na nona.

Beato é aquele que «espera» tudo de Deus, mas não faz o menor esforço pessoal para conseguir as coisas que espera. E isto é tentar a Deus.

O beato é um «sentimental» de inteligência curta. Muitos dos beatos abandonariam, desalentados, esta falsa imitação da santidade se lhes suprimissem a ridícula vaidade de que estão possuídos. No momento em que não

tiverem motivo para pôr os olhos em alvo – porque ninguém os vê –, quando nada justificar as suas pálpebras caídas – porque ninguém repara neles –, esses homens deixarão de ser beatos.

E assim são tais indivíduos: muitas cruzes, muitas medalhas, todos os seus livros cheios de estampas. Têm sempre entre as mãos folhetos de propaganda «anunciando» atos piedosos; mas à hora de se entregarem, de se negarem a si próprios, falta-lhes generosidade.

Da sua profissão não se ocupam, e de ganhar amizades também não. Não podemos aproximar-nos deles, na esperança de um pouco de calor, porque têm o coração frio; nas conversas, é preciso medir as palavras, porque se escandalizam. Podemos falar-lhes de devoções e de procissões, mas não de vida interior, porque a desconhecem. Falam-nos de ofícios e de horários de missas, mas não de apostolado pessoal, que não o entendem.

«Nunca se cansam de ouvir conselhos e de aprender conceitos espirituais, nem de ter e ler muitos livros que tratem disto, e vai-se-lhes o tempo mais nestas coisas do que em viver como devem a mortificação e a perfeição da pobreza interior de espírito. Porque, além disso, carregam-se de imagens e rosários bem curiosos, agora deixam uns, logo arrumam outros, ora trocam, ora destrocam, querem-nos desta maneira, depois daqueloutra, apegando-se mais a esta cruz do que àquela, por ser mais curiosa. E vereis outros ajazados de *agnus dei*, e relíquias, e «santinhos», como os moleques com gudes»⁴.

(4) São João da Cruz, *Noite Escura*, cap. III.